

UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1985 EM  
JOÃO PESSOA

MARIA ANTONIA ALONSO DE ANDRADE

TEXTO UFPB/NDIHR Nº 17 OUTUBRO/87

UFPBNDiHR

## S U M Á R I O

1. OS RESULTADOS POLÍTICOS
2. OS REFLEXOS DA MUDANÇA DE CONJUNTURA A NÍVEL NACIONAL
3. DO BIPARTIDARISMO AO PLURIPARTIDARISMO. A FORMAÇÃO DA ALIANÇA DEMOCRÁTICA
  - a. AS NEGOCIAÇÕES DA COLIGAÇÃO
4. CARACTERIZAÇÃO DAS FORÇAS POLÍTICAS
  - a. A ALIANÇA DEMOCRÁTICA
  - b. A FRENTE DEMOCRÁTICA
  - c. O PT
  - d. O PARTIDO LIBERAL (PL)
  - e. PDT: O GRANDE AUSENTE. PPB: A NOTA FOLCLÓRICA
5. O PAPEL DA IMPRENSA
6. OS RESULTADOS ELEITORAIS: A AMARGA VITÓRIA
7. AS PERSPECTIVAS PARA 1986.

ANEXOS: TABELA I - RESULTADOS GERAIS

TABELA II - 64ª ZONA ELEITORAL - AREAS PRÓ-CARNEIRO

ARNAUD

TABELA III - 64ª ZONA ELEITORAL - AREAS PRÓ-MARCUS ODILON

## 1. Os Antecedentes Políticos

As eleições de 1982 significaram na Paraíba o auge do esquema político do ex-deputado federal Wilson Braga, eleito governador pelo PDS, com 151.709 votos de diferença sobre o seu adversário, Antonio da Silva Mariz, do PMDB.

Simultaneamente despontava, no mesmo pleito, a liderança de Tarcísio de Miranda Burity, último governador nomeado do sistema pós-64, que se elegeu deputado federal pelo PDS, com 173.107 votos, a maior votação paraibana de todos os tempos, no genero.<sup>1</sup>

Os resultados eleitorais confirmaram, como esperado, a força do governismo no interior, mas acusaram uma forte investida do esquema braguista na capital, tradicional reduto da oposição, onde Mariz venceu Braga por minguados 10.636 votos.

## 2. Os Reflexos da Mudança de Conjuntura a Nível Nacional

A história republicana da Paraíba mostra que a ascenção e a queda das oligarquias estaduais sempre esteve fortemente ligada ao tipo de relacionamento havido entre os níveis estadual e federal de poder. Subia ou permanecia no poder a oligarquia que "ficava do lado certo", no nível federal.

Hoje, a pobreza dos estados nordestinos, que os torna dependentes das traferências do governo federal, explica sua necessidade de "governismo", que faz com que eles se ali

---

1. Burity, professor universitario sem militância política, Secretário de Educação do Governador Ivan Bichara, fora escolhido para dirimir a crise política originada pela luta sucessória entre duas correntes políticas tradicionais no Estado.

nham politicamente à orientação política do Planalto.

Como os outros governadores nordestinos, Braga apoiava Andrezza como candidato à Presidência da República via Colegió Eleitoral, porém foi o único que apoiou Maluf no confronto com Tancredo Neves, quando o primeiro venceu Andrezza na convenção partidária.<sup>2</sup>

Tarcísio Burity, atritado pessoal e politicamente com o governador, passou a liderar a formação do PFL no estado, apoiando Tancredo Neves desde a primeira hora, em aberta oposição a Braga, reforçando a sua liderança e convertendo-se em aliado potencial do PMDB.

Com a morte de Tancredo e a ascensão de Sarney à Presidência da República, a Aliança Democrática tornou-se fundamental para dar suporte político à Nova República.

Na procura de apoio político, sem o prestígio de Tancredo Neves, Sarney faria aliança no Nordeste com os detentores dos mais fortes esquemas políticos. Na Paraíba, Braga, após ter desfrutado das benesses do antigo sistema até o fim, ingressaria no PFL, arrebatando a liderança do partido das mãos de Burity, alinhando-se com a Nova República, porém permanecendo líder tanto do PDS como do PFL no Estado. O esquema político de 1982 permanecia intacto sob sua chefia, com exceção de Burity que, ingressando posteriormente no PTB, transformou-se numa liderança suscetível de polarizar qualquer tendência anti-braguista.

---

2. Mesmo assim, a esposa do governador paraibano Dona Lúcia e a filha do casal se pronunciaram publicamente a favor da candidatura de Tancredo Neves, Braga desfrutou da generosidade dos últimos tempos do Governo Figueiredo; depois, já acomodado na Nova República, com Sarney no poder, conseguiu para a Paraíba 170 bilhões de cruzeiros do governo federal. (Veja, 7 ago. 1985 51). Citada por Maria Antonia Alonso de Andrade em Neo-Coronelismo e Perspectivas Eleitorais na Nova República. ANPOCS/out 1985 (mimeo).

### 3. Do Bipartidarismo ao Pluripartidarismo A Formação da Aliança Democrática.

Amparados na legislação provisória, que vigoraria apenas para as eleições municipais de 1985, surgiram na Paraíba doze partidos<sup>3</sup>, dos quais alguns compuseram duas coligações: a Aliança Democrática, formada pelo PMDB, PFL e PDS, apoiada pelo PCB e MR8 e a Frente Democrática, que incluía o PTB, o PC do B e o PSB.

A coligação do PMDB com o PFL, chamada vulgarmente de "acordão" por ter incluído também o PDS, não se fez sem traumas, dada a rivalidade das duas forças principais em composição: o PMDB e o Braguismo.

A iniciativa do acordo coube aos deputados Edivaldo Mota, Ramalho Leite e Orlando Almeida, do PMDB, que acenaram com a possibilidade de coligação antes mesmo da eleição de Tancredo Neves. A idéia ficou hibernando, enquanto durou o apoio do governador Paulo Maluf, para ser retomada mais tarde pelo próprio Braga, após a eleição de Tancredo.

Tudo indica que a coligação foi resolvida, em primeira instância, entre o senador Humberto Lucena, líder do PMDB na Paraíba, e o governador Wilson Braga.

Humberto Lucena, Candidato "natural" do PMDB ao governo do estado em 1986, só poderia eleger-se com o apoio de Braga, dado o forte esquema do mesmo no interior do estado, onde controla 134 prefeituras, face as 36 do PMDB. Conseqüentemente, a intenção de Lucena era manter a coligação em 1986.

Como os entendimentos para a formação do acordo provocaram, como veremos, dissidências o PMDB, num certo momen

---

3. PDS, PFL, PMDB, PT, PL, PTB, PDT, PS, PSB, PCB, PC do B e PPB.

to, a vitória no pleito municipal de João Pessoa passou a ser difícil sem alianças com o esquema político do governo.

Os objetivos de Wilson Braga eram basicamente três:

1. Consolidar a ponte com o governo federal, de quem o governo do estado depende para enfrentar seus problemas orçamentários;
2. Evitar o risco de uma derrota nas eleições municipais de 1985, o que seria desastroso face às eleições para o governo do estado em 1986;
3. Evitar que um governo hostil pudesse sucedê-lo em 1986, o que poderia originar problemas tais como: a não aprovação de contas do governo do estado, ou de alguns de seus órgãos vinculados.

Após o acordo ter sido "costurado" na cúpula, passou a ser negociado numa segunda instância, entre os notáveis dos partidos envolvidos<sup>4</sup>, encarregados de obter a sua aprovação nas respectivas Convenções Municipais.

Durante a negociação, afirmativas e desmentidos eram frequentes na imprensa, face às manifestações contrárias das chefias e bases políticas dos partidos envolvidos.

Neste interim, a convenção do PMDB reuniu-se para indicar o candidato do partido à prefeitura da capital. Concorreram o deputado estadual Marcus Odilon<sup>5</sup> e o vereador Antônio

---

4. A cúpula do PMDB, aproximadamente umas 25 pessoas, foi oficialmente consultada por Humberto Lucena em Janeiro de 1985, em reunião numa granja nos arredores de João Pessoa. Na ocasião, só Mário Silveira manifestou-se contra a coligação.

5. Ex-prefeito de Santa Rita, usineiro de tradicional família da Varzea da Paraíba e deputado estadual do PMDB mais votado na Capital em 1982, com 35.000 votos.

Augusto Arroxelas<sup>6</sup>.

Marcus Odilon venceu com 63% dos votos da convenção<sup>7</sup> mas, desconfiando que sua candidatura estaria em perigo se a coligação fosse consagrada, a 12 de julho abandonou o PMDB para manter sua candidatura pelo PTB, ao qual filiou-se, obtendo a adesão de Tarcísio Burity e de apenas quatro vereadores do PMDB, entre eles o próprio Arroxelas<sup>8</sup>.

#### a. As Negociações da Coligação

A 13 de julho, Braga fez uma proposta concreta a Edivaldo Mota, líder do PMDB na Assembleia Legislativa, que incluía a permanência da coligação em 1986. O PMDB indicaria o governador do Estado e um senador; em contrapartida, Braga indicaria o vice-governador e o segundo senador<sup>9</sup>.

Para a prefeitura da capital, o governador indicou quatro nomes do PMDB que receberiam seu apoio: Haroldo Lucena (irmão do senador Humberto Lucena), Carneiro Arnaud, Waldir Bezerra e Miranda Freire. Os nomes de Marcus Odilon e Arroxelas foram vetados por Braga. 10

No dia 16 de Julho, as bancadas estadual e federal do PMDB reuniram-se a portas fechadas, no Hotel Tambaú, para discutir a proposta do governador e indicar nomes para os cargos. Fi-

---

6. O mais votado do PMDB na capital em 1982, com 5.000 votos.

7. A União, 30 jul 1985.

8. Arroxelas, Milton Ferreira, Di Lorenzo Marsicano e Jovani Paulo Neto que, inicialmente, permaneceram no PMDB, posteriormente, por falta de espaço político, filiaram-se ao PTB.

9. A União, 14 jul 1985.

10. Ver A União, de 14 a 30 de Julho de 1985.

cou resolvido que o candidato a governador em 1986 seria Humberto Lucena, e o candidato a senador, o atual prefeito de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima. O PMDB teria candidato próprio à prefeitura da capital, cujo nome seria indicado pela Convenção Municipal de 15 de agosto. O esquema braguista indicaria o vice-governador, um senador e o vice-prefeito de João Pessoa. Também decidiu-se que, até a concretização definitiva do acordo, ficaria em aberto a possibilidade de coligação com qualquer partido<sup>11</sup>.

Nesta reunião, ainda houve posições contrárias à coligação, como a dos deputados Jório Machado, João Fernandes de Lima e José Luis Junior.

A distribuição dos cargos do terceiro escalão também faz parte do acordo, já que havia cinco superintendências reivindicadas pelos três partidos: INPS, IAPAS, LBA, IBDF, e Porto de Cabedelo<sup>12</sup>.

As resistências à coligação parecem ter sido mais fortes da parte do PDS, onde o vice-governador José Carlos da Silva Junior liderou um grupo contrário ao acordo, formado pelos representantes políticos da Varzea, incluídos os Pereira de Pomal, Ernani Sátyro, o ex-governador Clóvis Bezerra e seu filho, o deputado Afrânio Bezerra. Este grupo propunha a manutenção do esquema político de 1982 (incluindo Tarcioio Burity) com candidato próprio do PDS/PFLD (nomeado próprio José Carlos era insinuado como sucessor de Braga<sup>13</sup>).

---

11. A União, 17 jul 1985.

12. Há 54 chefias na Paraíba, quatro sendo fundamentais para a política clientelística: O INAMPS, O INPS (incluído o FUNRURAL) e a LBA. Entrevista com o deputado João Agripino e com o ex-deputado e atual Diretor de Recursos Materiais do Banco do Brasil, Mário Silveira.

13. O Norte e A União, 24 jul 1985. A 30 de junho, o próprio vereador do PDS, Caíral Batista, futuro vice-prefeito eleito pela Aliança Democrática, manifestava-se contrário à coligação com o PMDB (A União, 30 jun. 1985).

No dia 25 de julho, estando Braga em viagem por Israel, este grupo pedessista, liderado pelo prefeito da Capital, Oswaldo Trigueiro do Vale, lançou Damásio Franca, ex-prefeito de João Pessoa, candidato a prefeito pelo PDS, anunciando que as conversações com o PMDB estavam "interrompidas e rompidas".

O fato foi encarado pelo futuro vice-prefeito eleito, Cabral Batista, como um ato irreversível de rebeldia do PDS contra a coligação com o PMDB<sup>14</sup>. Porém, dois dias depois, Haroldo Lucena, do Instituto do Coração, em São Paulo<sup>15</sup>, responderia laconicamente que "o compromisso era com Wilson Braga" e que o partido aguardaria a chegada do governador para manter entendimentos<sup>16</sup>.

As informações eram tão contraditórias que o deputado Aloisio Pereira, do PDS de Princesa, declarou na imprensa que "o melhor era ficar calado"<sup>17</sup>.

Até o dia 5 de agosto, permaneceu a guerra de afirmativas e desmentidos, assim como a divisão a respeito da coligação, tanto por parte do PMDB, como por parte do PDS/PFL. Neste dia, voltando de Israel, Wilson Braga declararia no próprio aeroporto que o acordo estava selado. A 6 de agosto, a coligação definida pelo governador junto ao PDS e PFL, com a indicação da chapa: Carneiro Arnaud, candidato a prefeito, indicado pelo PMDB, e Cabral Batista, candidato a vice-prefeito indicado pelo

---

14. A União, 27 jul 1985.

15. Humberto Lucena lá estava internado após uma cirurgia, mais tarde foi acometido de hepatite, no próprio hospital, o que dificultou as negociações e o manteve afastado da campanha. Só viria à Paraíba no dia 6 de dezembro.

16. Caso a coligação não tivesse se concretizado, a chapa do PMDB seria Carneiro Arnaud/Derivaldo Mendonça.

17. O Norte, 31 jul 1985.

PDS/PFL<sup>18</sup>. Braga frisaria porém, dias depois que a coligação só era válida para 1985.

A 15 de agosto, a convenção Municipal do PMDB homologou a chapa da coligação, encerrando um processo que, lembrando o pós-30, foi chamado de "pacificação política da Paraíba", por ter promovido, ao menos momentaneamente, a aliança de forças políticas tradicionalmente adversárias<sup>19</sup>.

---

18. Damásio Franca, sentindo-se traído, ameaçou apoiar a candidatura de Marcus Odilon, porém foi demovido pelo convite, imediatamente aceito, para ocupar o cargo de chefe da Casa Civil do Governador.

19. Paralelamente às negociações para a Coligação, houve as mais variadas tentativas de composição política. João Agripino patrocinou a composição de Marcus Odilon/Arroxelas, em reunião na casa de Ronald de Queiroz (O Norte, 17 jul 1985), porém, Odilon não aceitara voltar para o PMDB. (Entrevista de João Agripino a Neiliane Maia, 7 nov 1985).

No PTB estudou-se a possibilidade de Burity ser candidato a prefeito, tendo Marcus Odilon como vice. Em 1986, Burity se afastaria para candidatar-se ao governo do estado. O projeto morreu no nascedouro, já que Marcus só financiaria a própria campanha e Burity não possuía recursos próprios para auto-financiamento.

Antonio Mariz que, segundo João Agripino, seria capaz de empolgar o eleitorado da capital, não aceitara ser candidato a prefeito, manifestando sua decisão de candidatar-se a deputado federal em 1986.

O PS, PC do B, e PCB tentaram a formação de um "frentão" junto ao PT e PTB. Como a idéia não vingou, alinharam-se com as duas coligações principais. (A União, 7 ago 1985).

O PCB chegou a lançar candidato próprio, o professor Iremar Bronzeado, seguindo a diretriz nacional do partido. Após a cisão intra-partidária, o professor Iremar Bronzeado retirou a sua candidatura e o PCB apoiou a Aliança Democrática (depoimento do professor Iremar Bronzeado à autora).

#### 4. Caracterização das Forças Políticas

##### a. A Aliança Democrática

Carneiro Arnaud, medico, sobrinho de Rui Carneiro<sup>20</sup>, militou no PSD, MDB e finalmente no PMDB, legenda pela qual elegeu-se deputado federal em duas legislaturas, a partir de 1978.

Cabral Batista, vereador pelo PDS, possui forte liderança popular no bairro de Cruz das Armas, o maior colegio eleitoral de João Pessoa.

Carneiro foi apresentado como o candidato ideal para administrar a cidade, pois disporia do prestígio necessário, junto ao governo federal e estadual, para carrear recursos e efetuar melhoramentos. Explorou-se também a idéia do medico amigo e solidario, sempre ao lado do povo, cuja competência fora provada na direção do Hospital Laureano e ratificada com o prêmio recebido da Sociedade Brasileira de Cancerologia.

As tarefas durante a campanha foram, pouco a pouco, sendo divididas. Ao PMDB coube a elaboração da Carta programa, o trabalho de divulgação, o apoio e o contato com as lideranças sindicais, o movimento estudantil e o eleitorado jovem, ou seja, as areas arreadas ao governo.

O governo forneceu toda a infra-estrutura material da campanha. Promoveu um verdadeiro festival de inaugurações de obras publicas transformadas em eventos politicos. Dona

---

20. O "ruismo" versão paraibana do "populismo", tinha fortes raízes na capital. Rui Carneiro fora chefe de gabinete de José Americo de Almeida, quando Ministro da Viação e Obras Publicas de Vargas. Substituiu Argemiro de Figueiredo, quando Vargas o retirou da interventoria em 1940. Rui, por contraposição às raízes rurais de Argemiro, formou uma equipe renovadora e construiu sua maquina politica no espaço urbano da capital.

Lúcia, a esposa do governador, Presidente da FUNSAT<sup>21</sup>, dedicou-se em tempo integral à campanha nas áreas periféricas e movimentou a ala feminina da Aliança, auxiliada pela vereadora Sônia Germano e por Elisabeth Teixeira<sup>22</sup>.

O Governo promoveu uma política de favorecimento ao funcionalismo, com finalidades eleitorais, que incluía quatro aumentos até 1986, benefícios como a trimestralidade, o decimo-terceiro salário, a estabilidade funcional, a incorporação das vantagens aos proventos da aposentadoria e uma série de itens, em número de quinze, amplamente divulgados na imprensa sob o título: "15 razões para o funcionalismo não esquecer".

A campanha polarizou-se duplamente: por um lado entre o governador Wilson Braga e o ex-governador Tarcisio Burit, de outro, entre a Aliança Democrática e a Frente Democrática, únicas forças políticas realmente competitivas.

Muito mais do que a prefeitura da Capital, estavam em jogo os respectivos presídios políticos de Braga e Burit, que lutavam em campos opostos.

A certa altura da campanha, o PMDB tentou desvincular sua imagem do governo. Isto evidenciou-se com a retirada da figura de Cabral dos out-doors; também numa tentativa de Carneiro de apresentar-se como candidato do PMDB, que apenas teria recebido apoio de outros partidos através de uma coligação.

O candidato também afirmava constantemente a falta de compromisso com o governador, que "nada pedira".

---

21. Fundação Social do Trabalho. Órgão encarregado de política social do governo, com atuação assistencial na área periférica da cidade.

22. Viuva de Pedro Teixeira, fundador das Ligas Camponesas da Paraíba, popularizado pelo filme "Cabra Marcado para Morrer".

Finalmente, João Agripino deu entrevista à imprensa, advertindo o partido sobre o desgaste provocado pela aliança com Wilson Braga e da necessidade de trabalhar às classes médias e altas, que ele supunha serem as mais arredias ao acordo<sup>23</sup>.

A Aliança Democrática foi um casamento meio frio. João Agripino e Braga jamais permaneceram juntos no mesmo palanque. Antônio Mariz e os Gadelha mantiveram-se discretamente afastados da campanha.

Face ao eleitorado, as forças políticas da Aliança Democrática apresentaram-se de forma diferenciada: o PMDB representava o papel oposicionista, de fortes raízes na capital. O Governo auto-identificou-se com o "governo do povo", de forte atuação na periferia urbana. Imagem esta reforçada pelo trabalho de Dona Lucia. Esperava-se, conseqüentemente, que o governo captasse o voto popular. Não foi bem o caso, como se verá a seguir.

A estratégia adotada face à Frente Democrática foi basicamente tentar demoralizar a figura de Marcus Odilon, apresentado como "usineiro" milionário e latifundiário. Leia-se: patrão, explorador, inimigo do povo. Apelou-se até para os velhos rancores de 1930, acusando o adversário de "perrepista", de inimigo de João Pessoa<sup>24</sup>. Um "curriculum vitae" de Marcus Odilon foi divulgado, com todos os aspectos negativos da vida pública e particular do candidato. Caricaturas e histórias em quadrinhos foram fartamente usadas para responder à estratégia do adversário, que tomou a iniciativa de sua utilização<sup>25</sup>.

23. Os resultados eleitorais da 1ª zona desmentiram esta avaliação como se verá mais adiante.

24. Perrepista, do PR, Partido Republicano, onde militavam os adversários da Aliança Liberal. Em 1929, os Ribeiro Coutinho formaram na oposição a João Pessoa.

25. Odilon Bafo de Usina. O roubo da merenda escolar, histórias em quadrinhos caricaturizavam a figura de Marcus Odilon. A "história do carneiro que virou sapo" satirizava Carneiro Arnaud na literatura de cordel.

O esquema político da Aliança Democrática era um verdadeiro rolo compressor: 35 dos 36 deputados estaduais, 11 dos 12 federais, 15 dos 19 vereadores da Câmara Municipal de João Pessoa, todos os suplentes de vereador, todas as 171 prefeituras do Estado, cujos prefeitos foram convocados para trabalhar na capital no dia da eleição.

As duas associações comunitárias de João Pessoa, a UPAC (União Pessoaense de Associações Comunitárias) e FEPAC (Federação Pessoaense de Associações Comunitárias) apoiaram a Aliança, ao menos a nível das suas diretorias<sup>26</sup>.

A máquina do estado, como de praxe, foi amplamente usada, o que motivou denúncias sistemáticas por parte do PTB<sup>27</sup>.

---

26. "Onde os moradores se organizam espontaneamente, através de associações, o governo tem criado associações paralelas, enfraquecendo o movimento popular e cooptando seus líderes menos politizados, através do oferecimento de empregos e benefícios para que os mesmos desenvolvam um trabalho atrelado à FUNSAT". Entrevista do Presidente da UPAC a Maria Zélia G. Almeida. Também na síntese da experiência do estágio supervisionado do Curso de Serviço Social da UFPb. Citado por Maria Zélia G. Almeida em "Associações de Moradores", relatório de pesquisa. UFPb, 1985. A FEPAC foi criada após a UPAC, de onde conseguiu captar várias associações. Das duas, é quem mais recebe apoio do governo. Em alguns bairros e favelas, duas associações, uma autônoma e outra ligada à FUNSAT, disputam a liderança.

27. A Prefeitura da capital, apesar da proibição legal, fez numerosas contratações, inclusive de residentes em outros municípios como Mamanguape, Rio Tinto, Sapé, Santa Rita, Conde. A Câmara Municipal, já como consequência da coligação, rejeitou o pedido de inquérito de Arroxelas. Ver O Norte, 9 nov e Correio da Paraíba, 10 nov 1985. As denúncias foram reiteradas em debate público na UFPb, no dia 16 de dezembro de 1985. O Estado distribuiu material de construção através do Projeto "João de Barro" da FUNSAT. A distribuição, após denúncias do PTB, foi suspensa por ordem da Polícia Federal. Correio da Paraíba, 22 out 1985. A gráfica da Secretaria de Educação foi utilizada para confeccionar propaganda eleitoral, o que fere o artigo 299 do Código Eleitoral. Correio da Paraíba, 15 nov 1985. A Polícia Federal abriu inquérito pela distribuição de 500 autorizações de abastecimento de combustível em comitês organizados em dois órgãos federais: o INMETRO e o Departamento Nacional de Produção Mineral. Correio da Paraíba, 16 nov 1985.

A Aliança promoveu grandes comícios, dezenas de comícios relâmpagos, passeatas e grandes shows com artistas famosos. No dia 24 de outubro, trouxe o Presidente Nacional do PMDB, Ulysses Guimarães.

Os gastos da campanha foram estimados em cinqüentabilhões de cruzeiros, incluindo naturalmente o dinheiro dos cofres do estado<sup>28</sup>.

A plataforma incluía a criação de distritos administrativos nos bairros, a valorização do funcionário público, a instalação do pré-escolar nas unidades municipais de ensino e a criação de postos de saúde nos bairros. O ponto mais polêmico era a política de transportes públicos, já que os candidatos da Aliança eram financiados pelas empresas privadas de transporte coletivo.

O PMDB e o governo encomendaram separadamente, ao longo da campanha, várias pesquisas de opinião.

Em fins de outubro, as pesquisas do governo davam resultados muito favoráveis a Carneiro Arnaud<sup>29</sup>. A empresa LEME,

---

No Jornal A União, a Polícia Federal apreendeu um jornal pirateado. Recibos de água e luz, prestações atrasadas do BNH, foram quitadas, ajuda foi dada para reformas de casas, feiras, tecidos, etc. foram distribuídos na tentativa de aliciar o voto. Tais práticas foram condenadas publicamente pelo Arcebispo Dom José Maria Pires, Correio da Paraíba, 15 nov 1985. Os funcionários públicos ocupantes de cargos DAS receberam ordens de assistirem ao comício de encerramento da campanha, permanecendo até o final, segundo depoimentos dados à autora.

28. Cabral Batista, em entrevista à imprensa, antes de ser escolhido candidato, declarara que só em camisetas, qualquer grande partido deveria gastar um bilhão de cruzeiros.

Só o cachê de Beth Carvalho, num dos shows, foi de Cr\$ 70.000.000 (setenta milhões). Cada motorista recebeu no dia da eleição Cr\$ 300.000 (trezentos mil cruzeiros). Cada suplente de vereador recebeu 50 feiras, 10 taxis e uma ordem para abastecimento de gasolina... Estes dados e outros foram fornecidos a autora por populares que participaram ativamente da campanha e tiveram acesso aos comitês organizadores.

29. Segundo depoimento do Prefeito Oswaldo Trigueiro à autora, a diferença era aproximadamente de 10 para 1 a favor de Carneiro Arnaud.

contratada pelo PMDB, apontava também Carneiro como vencedor em todas as categorias, classes sociais e bairros de João Pessoa<sup>30</sup>.

Sabe-se porém, através das pesquisas encomendadas pela equipe de Marcus Odilon, que, no mês de novembro a diferença entre Carneiro e Marcus ficou sensivelmente reduzida<sup>31</sup>.

Marcus Odilon passara de candidato suicida a adversário temível. Porém, no dia do pleito, o governador Wilson Braga declarava, no rádio e na imprensa, que a Aliança Democrática ganharia o páreo por uma diferença de 20.000 votos.

#### b. A Frente Democrática

O PTB foi apenas um veículo para canalizar a dissidência peemedebista. Marcus Odilon tentou a legenda do PDT, mas já a encontrara tomada por Josélio Paulo Neto.

Face ao rolo compressor da Aliança Democrática, o PTB só contava com um deputado federal, Tarcisio Burity, um estadual, o próprio Marcus Odilon, e os quatro vereadores já assinalados anteriormente.

Do chamado "grupo da Várzea", só a própria família Ribeiro Coutinho, apoiou Marcus, apesar de permanecer no PDS.

O PC do B, grupo minoritário, mas extremamente ativo, coligou-se com o PTB. A ele coube a organização estratégica da campanha, com a criação de 42 comitês nos bairros.

Marcus Odilon foi um candidato bem mais ativo do que seu adversário, na luta pelo voto. Enfrentou uma verdadeira maratona de comícios. No Ponto de Cem Réis, os comícios relâmpagos foram quase diários. Também nas favelas e bairros, sobretudo nos de grande contingente eleitoral. Visitou incansavelmente asso

30. Entrevista concedida por Carneiro Arnaud à autora, 7 nov 1985.

31. Entre 5.000 e 8.000 votos a favor de Carneiro Arnaud.

ciações, lojas, fábricas, etc... Só assistia a debates se Carneiro Arnaud estivesse presente.

Burity e Gilvan Navarro, seu cunhado, vice de Marcus, atuaram mais nos bastidores, promovendo articulações e aprofundando contatos com a classe média.

A assessoria jurídica e a coordenação geral da campanha foi entregue ao advogado Sindulfo Santiago, que acionou implacavelmente o Tribunal Regional Eleitoral contra o governo ou a Aliança Democrática, perante qualquer irregularidade. Foi ele, em grande parte, o responsável, junto com o próprio Marcus, pelo tom agressivo da campanha na imprensa.<sup>32</sup>

O pedido de tropas federais, para evitar a corrupção eleitoral, feito pelo PTB, foi negado pelo Presidente do TRE.

O partido promoveu uma maciça panfletagem, e literatura de cordel contendo denúncias ou ridicularizando o governo ou os adversários.

Aproveitando o número que coube a Marcus, o 14, foi criada a imagem do gato para o candidato, simbolizando aquele que persegue os "ratos", os seja os "adversários corruptos".

A estratégia da Frente foi jogar na polarização com o candidato da Aliança Democrática para forçar a tendência plebiscitária. Face ao governo, Marcus era apresentado como oposi

---

32. Ver por exemplo referências ao "mutirão do furto, promovido na Baraíba pelo governo do Estado e o prefeito da Capital". Correio da Paraíba. 27 out 1985.p. 4.

Marcus Odilon chegara a fazer acusações diretas na TV e na imprensa, de envolvimento do governo do Estado nos assassinatos de Paulo Brandão, Fernando Ramos e da líder sindical Margarida Maria Alves.

O governador processou Marcus Odilon na Justiça, por difamação e ofensa à sua dignidade como cidadão e como chefe do Executivo estadual.

A ala feminina da Aliança Democrática promoveu "uma passeata de desagravo a Dona Lúcia Braga pelas ofensas a ela dirigidas por Marcus Odilon".

como o único candidato com chances reais de enfrentar e derrotar, tanto o governador, como o "acordão".

As sucessivas denúncias contra o governador tinham o objetivo de criar um clima negativo para Carneiro Arnaud, embora ele proprio fosse poupado<sup>33</sup>.

Na plataforma, era dada prioridade ao ensino profissionalizante nas escolas municipais. O candidato prometeu renunciar ao cargo se, em 45 dias, não desse abrigo e escola a 35.000 crianças de João Pessoa que, tendo idade escolar, atualmente não tem acesso à escola. Entre outros pontos programáticos, previa-se a substituição da merenda pelo almoço escolar, a eliminação do monopólio dos transportes públicos pelas empresas privadas e o fim das mordomias no âmbito municipal.

A campanha foi dirigida desorganizadamente por uma equipe pequena, e amadora, como reconheceram vários membros da Frente.

Os gastos da campanha foram estimados, pelo proprio coordenador da mesma, em torno de 10 a 11 bilhões de cruzeiros, dos quais aproximadamente 60% foram recursos pessoais do candidato<sup>34</sup>. A contribuição dos usineiros José Valdomiro Ribeiro (Usina Santa Helena S.A.) e Eduardo Ribeiro Coutinho (Usina São João S.A.) foi relativamente modesta<sup>35</sup>.

Os recursos, relativamente poucos, se comparados com os da Aliança Democrática, foram parcimoniosamente fornecidos por Marcus Odilon, que os reservou para o embate final.

---

33. Arroxelas considerou posteriormente grave erro estratégico ter poupado a pessoa de Carneiro Arnaud. Debate na UFPb. 16 dez 1985.

34. O calculo foi considerado exagerado por vários militantes e por alguns políticos de longa experiência nas campanhas políticas. Para estes a campanha do PTB não ultrapassou os três bilhões de cruzeiros.

35. Entrevista com Sindulfo Santiago. 7 nov 1985.

## C. O PT

A chapa do PT era formada por Vanderley Caixe e o veterinário Anísio Maia.

Vanderley Caixe fora candidato a deputado federal pelo PMDB em 1982 e ficara na suplência. Antigo ativista do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese, atualmente dirige seu próprio Centro de Defesa dos Direitos Humanos, entidade civil, de prestação de serviços, desligado da Pastoral.

Caixe, que em 1982 formava nas chamadas "candidaturas populares" considera que a frente política que era o PMDB ficou a reboque de sua ala mais à direita. Também acusa o partido de ter escanteado as candidaturas populares durante a campanha de 1982. Por estas razões e considerando que a proposta do PT coincidia com a das referidas candidaturas, filiou-se ao partido em 14 de julho de 1985<sup>36</sup>.

A 28 de julho, disputou na convenção petista com José Alves da Silva, membro da AMPEP, a indicação do partido.

Caixe confessa que teve dificuldades para penetrar na fechada estrutura do partido, enfrentando um certo boicote inicial<sup>37</sup>.

---

36. Entrevista com Vanderley Caixe. 10 nov 1985.

37. "Nossa proposta era também alargar o leque do PT, queimar o estreitismo daquela militância inicial do PT, do PT como o grupinho que era eles e não entrava mais ninguém..." "...os jornais estampam pronunciamento de alguns dizendo: como é que o partido poderia admitir uma pessoa que usava gravata e paletó..." "...nós já tínhamos tido a sabotagem da Câmara Municipal que não abriu no horário certo. Isso confundiu inteiramente o horário e há grande número de militantes que seguraram e impediram que a coisa fosse realizada às três horas, esperando a minha chegada". Ibidem. Entrevista com Vanderley Caixe.

O PT não tem propriamente redutos ou áreas de influência na capital; possui penetração em algumas categorias sociais, como a universitária<sup>38</sup>. Tenta penetrar na periferia, em associações de moradores e comunidades de base.

A plataforma mantinha as grandes propostas de nível nacional (rompimento com o FMI, Reforma Agrária, etc...).

As propostas de caráter local eram baseadas na experiência da prefeitura petista de Diadema (SP), como por exemplo a criação de Conselhos Populares.

Na campanha foi dada ênfase aos debates, visitas e mini-comícios. O Lula veio para um comício no Fomento de Cem Reis. Estrategicamente, o candidato dirigia ataques tanto à Aliança Democrática quanto ao PTB, considerados igualmente representantes do "facismo" e das famílias políticas tradicionais da Paraíba.

A apresentação de Caixe na TV Globo foi extremamente negativa, tendo inclusive criado atritos com os jornalistas.

O objetivo da candidatura, que era fazer crescer o partido, não foi conseguido: Caixe foi batido por Carlos Gláucio, do PL, um estreante na política, lançado por um partido novo e sem grandes recursos. Algo inesperado, ao menos para o próprio Caixe, que tinha a certeza de alcançar a terceira colocação<sup>39</sup>.

Os gastos da campanha foram modestos: aproximadamente dezessete milhões e meio de cruzeiros. Os recursos foram angariados em promoções organizadas pelos militantes<sup>40</sup>.

---

38. Os jornais publicaram um "Manifesto dos Intelectuais" de apoio ao partido, de repercussão discutível, dado o número limitado de assinantes.

39. Ibidem. Entrevista com Vanderley Caixe.

40. Ibidem. Entrevista com Vanderley Caixe.

d. O Partido Liberal. (PL)

A comunidade protestante da capital é bastante significativa. Só a Assembleia de Deus, a igreja mais numerosa, tem 60 congregações e 10.600 membros. Os evangélicos somam 20.000 eleitores potenciais.

No dia 18 de julho, um grupo de evangélicos resolveu lançar candidatos próprios para a eleição municipal. Examinados todos os partidos nacionais, o PL foi julgado o mais identificado ideologicamente com a posição do grupo. Contactado o seu Presidente Nacional, Álvaro Vale, a sigla foi colocada à disposição da comunidade<sup>41</sup>.

A chapa foi formada por Carlos Gláucio S. de Farias, como candidato à Prefeito e Antônio de Pádua, como candidato a vice.

Carlos Gláucio, presbiteriano, Presidente da Cooperativa de consumo do Banco do Brasil, é estreante na política. Tencionava apenas ser candidato a vereador em 1988. Mas, segundo a sua própria expressão, aceitou a candidatura a prefeito seguindo à orientação divina.

Face a desistência, de última hora, do candidato a vice previsto, foi escolhido Antônio de Pádua (empresário, ex-deputado estadual) por ser o único do grupo com alguma experiência política.

O PL define-se como um partido de centro, defensor do liberalismo e da iniciativa privada. Na plataforma, dava-se ênfase ao estímulo à micro-empresa e ao Cooperativismo municipais. A

---

41. Entrevista com Carlos Gláucio. 07 nov 1985.

prioridade era dada à "moralização administrativa". O programa também previa a descentralização e a criação da Secretaria de Transporte Público<sup>42</sup>.

O partido se apresentou como uma nova opção para os leitores que, não simpatizando com o PT e não concordando com a coligação da Aliança Democrática, não enxergavam o PTB como uma verdadeira oposição. A imagem veiculada e materializada pelo candidato era a honestidade, a confiabilidade, o não compromisso com os grupos políticos tradicionais. Enfim, a imagem da renovação não contaminada pelos vícios da política. Dado o perfil do candidato, a mensagem religiosa estava sempre presente.

Carlos Glaucio manteve durante toda a campanha uma atitude impecável, pairando acima do baixo nível reinante. A estratégia parece ter obtido reflexos positivos.

As bases do partido concentravam-se principalmente na comunidade evangélica e também no meio bancário, onde Carlos Glaucio disputava com Derly Pereira, do PT, ex-candidato a governador do partido em 1982, e Fernando Vilar, Presidente do Sindicato dos Bancários, que apoiou Carneiro Arnaud.

O gasto total da campanha foi estimado em aproximadamente 40 (quarenta) milhões de cruzeiros, financiados, em aproximadamente 60% , pelo próprio Carlos Glaucio<sup>43</sup>.

O PL recebeu proposta do PDT para ambos retirarem simultaneamente as respectivas candidaturas e apoiarem o PTB , o que não chegou a se concretizar, dada a recusa do PL<sup>44</sup>.

---

42. Ibidem. Entrevista com Carlos Glaucio.

43. Ibidem. Entrevista com Carlos Glaucio.

44. Depoimento de Carlos Glaucio. O fato foi negado pelo candidato do PDT, Josélio Paulo Neto, em entrevista à autora.

As pressões para retirar a candidatura do partido chegaram ao auge no atentado sofrido no dia 26 de outubro, quando o comitê do PL foi depredado por elementos desconhecidos, que afirmaram tratar-se de um "aviso para retirar a candidatura". Carlos Glaucio atribuiu o atentado à Aliança Democrática ou à elementos ligados à Frente Democrática, por serem as únicas forças políticas prejudicadas com a sua candidatura. Glaucio acredita ter tirado mais votos de Carneiro Arnaud do que de Marcus Odilon. Isto explicaria o fato de ter sido impedido de realizar um comício, no Conjunto Renascer I, por elementos ligados à FUNSAT, ajudados pela omissão da polícia do estado. O contrato para a realização de out-doors foi rompido pela firma contratada no Recife, por pressões do governo do estado<sup>45</sup>.

Tais fatos motivaram o pedido de tropas federais ao TRE para presidir o pleito que, como o do PTB, foi negado.

O PL não encomendou pesquisas, nem figurava nas pesquisas divulgadas pelos partidos maiores, o que foi encarado como uma manipulação eleitoreira. O partido cresceu consideravelmente nas últimas semanas da campanha, conseguindo, como vemos, ultrapassar o PT e ficar em terceiro lugar.

---

45. Ibidem. Entrevista com Carlos Glaucio. O PTB enfrentou problemas semelhantes com a firma fabricante dos out-doors, segundo depoimento de Sindulfo Santiago.

c. PDT: O Grande Ausente. PPB: A Nota Folclórica

A chapa do PDT foi formada por Josélio Paulo Neto e pelo professor da UFPb Evani Bandeira.

Josélio Paulo Neto, comerciante, proprietário de uma rede de farmácia em João Pessoa, é filho de político interiorano que chegou a vereador da capital pela legenda trabalhista de Getúlio Vargas. Josélio, assim como sua família, filiou-se ao PDS no pós-64.

O PDT é fraco no estado. Seu candidato praticamente não fez campanha, não compareceu ao debate da TV Globo, nem promoveu comícios. Fez raras e desastrosas aparições na TV durante o horário gratuito, onde o brizolismo era quase a única mensagem.

Brizola, que foi ao Recife, não compareceu a João Pessoa. Josélio obteve 356 votos, bem abaixo dos 1.252 do exótico Damião Galdino.

Damião Galdino, "Damião do jegue", tornou-se conhecido por ter tentado, em certa ocasião, presentear o papa com um jumento. Candidatou-se a prefeito pelo PPB (Partido do Povo Brasileiro), a convite do seu Presidente Nacional, o deputado Antonio dos Santos Pedreira. Seu vice era o alfaiate Inácio Araújo Borba.

A singela plataforma do partido resumia-se a "encher a barriga do povo de comida", criar "serviço" para o povo, dar comida e transporte mais baratos, acabar com as mordomias e fazer de João Pessoa uma reserva de jegues" <sup>46</sup>.

---

46. Debate na TV Globo.

O financiamento da campanha provinha dos 500.000 a 600.000 cruzeiros enviados quinzenalmente pelo deputado Pedreira.<sup>47</sup>

Damião não fez campanha, limitando-se a alguns passeios de jégué pela cidade. Recusou convite de Carneiro Aranaud para apoiar a Aliança Democrática, pois "não quis vender-se para não desmoralizar o partido perante o povo"<sup>48</sup>.

Damião participou do debate na TV Globo e, com toda sua simplicidade, manteve um nível digno, apresentando-se como candidato de protesto.

##### 5. O Papel da Imprensa

Em relação às eleições de 1982, a grande novidade foi a quebra do monopólio governamental da imprensa.

Em 1982, o PMDB teve enormes dificuldades em conseguir espaço nos jornais, impossibilitado de competir com o poder financeiro dos cofres públicos.

Em 1985, a oposição, especialmente o PTB, teve amplo acesso a dois jornais: O Norte e O Correio da Paraíba.

O Norte era grato a Burity, que concedeu à empresa um canal de TV, negado por Braga. O jornal não fez propriamente a campanha de Marcus Odilon mas o ajudou indiretamente, publicando todas as denúncias do PTB sobre corrupção, fraude, irregularidades, etc... nenhuma informação foi sonegada ao público, embora o jornal aceitasse matéria paga de qualquer partido.

---

47. Entrevista com Inácio Araújo Borba, 11 nov. 1985.

48. Ibidem. Entrevista com Inácio Araújo Borba.

O Correio da Paraíba, embora aceitasse igualmente matéria paga de ambos os lados, apoiou abertamente Marcus Odilon, o que era evidente, não só no noticiário, como, sobretudo, nos editoriais e artigos assinados. A posição do jornal, hostil à Aliança Democrática, tem relação direta com o assassinato de um dos seus jornalistas e co-proprietários: Paulo Brandão. Um ano antes, Paulo denunciara escândalos no âmbito da Prefeitura de João Pessoa e prometera mais revelações sobre outros órgãos estaduais. Foi assassinado com rajadas de metralhadora sem que, até aquele momento, a justiça elucidasse o crime. O Correio publicou diariamente, na primeira página, uma espécie de contagem regressiva até completar um ano do aniversário da morte do jornalista. Cada dia, mais ou menos veladamente, se insinuava algum tipo de envolvimento de órgãos governamentais com o "affaire" Paulo Brandão<sup>49</sup>.

Ficou assim garantido a qualquer partido, especialmente ao PTB, um espaço livre na imprensa, que compensou amplamente o fato do semanário O Momento ter sido vendido para Antônio Cabral Sobrinho, irmão do senador Milton Cabral<sup>50</sup>.

---

49. No aniversário da morte, 13 de dezembro de 1985, o Correio da Paraíba publicou ampla reportagem sobre as conclusões da perícia e da investigação da Polícia Federal, que apontaram o envolvimento no crime de um cabo da polícia paraibana e revelaram que trinta das 32 balas que vararam o corpo de Paulo Brandão saíram de uma metralhadora oficial que, na época, estava sob a guarda do coronel da FM José Geraldo Soares de Alencar, Chefe da Casa Militar do Governador. (Revista Veja, nº 902, 18 dez. 1985 - 50).

50. O Momento pertencia ao deputado Jório Machado. Em 1982 era o único jornal marizista do Estado.

Porém, o episódio marcante da campanha, em relação à imprensa, foi a censura da mesma por ordem do Presidente do TRE que, à véspera do pleito, a pedido do governador, proibiu à imprensa veicular matérias sobre a campanha eleitoral. O governador alegara s postas difamações, envolvendo seu nome, entre as quais sobressaía "a denúncia de que seria responsabilizado pelo assassinato do Jornalista Paulo Brandão"<sup>51</sup>. Em caso de desobediência, "recomendava-se à Polícia Federal efetuar a prisão dos responsáveis pela divulgação"<sup>52</sup>.

A censura motivou nota de repúdio conjunta do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba e da API. No dia seguinte, o TRE, por cinco votos a um, suspendeu a censura à imprensa, que durou apenas um dia.

#### 6. Resultados Eleitorais: A Amarga Vitória

De um total de 161.636 eleitores, compareceram 129.713, configurando uma abstenção de 19,75%.

Os analfabetos maiores de 18 anos somam 50.000 pessoas, segundo estimativas da coordenação estadual do MOBREAL, mas só se habilitaram a votar 5.000, que decidiram enfrentar as enormes filas<sup>53</sup>.

---

51. Correio da Paraíba, 13 nov 1985, pl.

52. Ofício nº 2753. STRE/SCE de 11 de novembro de 1985, enviado ao Superintendente do Sistema Correio de Comunicação pelo Diretor Geral do TRE, publicado pelo jornal Correio da Paraíba no dia 12 de novembro de 1985. p.3

53. O Norte, 7 ago 1985.

A cidade possui duas zonas eleitorais, a 1ª com 243 urnas, que congrega a classe alta e média, e a 64ª com 252 urnas, onde votam a maior parte dos eleitores dos bairros populares e áreas periféricas da capital.

Carneiro Arnaud venceu Marcus Odilon por uma diferença total de 10.404 votos, 8% da votação, número inferior aos 10.636 de diferença entre Mariz e Braga na capital, em 1982. À época, esta margem foi considerada irrisória e interpretada como uma "quase vitória" de Braga, pelo retrocesso que significava na cidade de alta tradição oposicionista<sup>54</sup>.

De fato, no dia seguinte, Tarcísio Burity proclamaria nos jornais que se tratava de uma "vitória de Pirro" e que, desde já, era candidato a governador em 1986.

Analisando os resultados, por zonas, percebe-se que a classe média, em bloco, votou na Aliança Democrática. Contrariando os temores do deputado João Agripino, Carneiro Arnaud ganhou em quase todas as urnas da 1ª zona. Carneiro obteve 49,045% dos votos da 1ª zona e Marcus 35,31%, sendo conseqüentemente, a diferença pró-Carneiro de 13,75%.

Na 64ª zona, Carneiro obteve 45,018 dos votos e Marcus 42,01%, ficando a diferença pró-Carneiro reduzida a apenas 3%. (Ver Tabela I).

Isto significa que Marcus foi proporcionalmente mais bem votado nos bairros populares. A Aliança Democrática deve sua vitória à classe média.

---

54. Maria Antonia Alonso de Andrade. "As Eleições de 1982 na Paraíba: Clientelismo e Máquina Estatal". In. Nordeste Eleições. Recife, Ed. Massangana. 1985. pp. 187-213.

Ressalta-se que Jaguaribe, um populoso bairro de classe média enquadrado na 64ª zona não fugiu à tendência geral, tendo dado uma diferença de 1.236 votos para Carneiro Arnaud (Ver Tabela II).

No maior colégio eleitoral de João Pessoa, o popular bairro de Cruz das Armas, reduto eleitoral de Cabral Batista, Marcus competiu fortemente. Lá fez seu comício de encerramento, Carneiro ganhou por apenas 593 votos.

A vitória no Bairro de Novais deveu-se à forte liderança exercida pelo vereador Milton Ferreira, que lá faz política desde 1972<sup>55</sup>.

Como se pode apreciar na Tabela II, as vitórias de Carneiro nos bairros populares foram sempre apertadas. A periferia e os bairros populares não corresponderam às expectativas do governo. Aparentemente, a ação da FUNSAT não obteve dividendos políticos. O governo, que, dentro da Aliança Democrática apresentava-se como o parceiro de bases populares, ficou em desvantagem face ao PMDB, cuja base sempre fora a classe média.

O prestígio do governo saiu arranhado, se considerarmos o seu empenho na vitória. É bom lembrar que, em 1982, o PMDB sozinho, enfrentando a máquina governamental, ganhou em todos os bairros da capital, só perdendo no Vonjunto Geisel, à época recém-contruído<sup>56</sup>.

---

55. Depoimento do vereador Milton Ferreira.

56. Ver José Octávio de Arruda Melo. "Classe Média e Enfavelamento na Geografia Eleitoral de João Pessoa". In. Boletim nº 6. Departamento de Geociências da UFPb. João Pessoa, 1985.

A somatória dos votos obtidos pelo PT, PL, PPB e PDT é de 11.370 votos (Ver Tabela I), o que ultrapassa a diferença obtida por Carneiro Arnaud sobre Marcus Odilon. Nenhum destes partidos, isoladamente, seria capaz de dar a vitória a Marcus se o tivessem apoiado, mas as oposições unidas teriam vencido a Aliança Democrática<sup>57</sup>. Esta simples operação também demonstra que a maior parte do eleitorado pessoense não apoiou a coligação da Aliança Democrática.

Estes resultados criaram certo desassossego no meio governamental, mal disfarçado pelas declarações triunfalistas que, após o pleito, elogiaram a liderança do governador, fazendo-o merecedor de cargos tais como ministro ou vice-presidente da República. Quase a seguir, os jornais noticiaram a provável desistência de Braga à senatória, para candidatar-se novamente a deputado federal.

Talvez a razão principal da votação de Marcus Odilon nos bairros populares seja o fato de ter enfrentado Wilson Braga e Dona Lúcia, no seu próprio terreno, com idêntica estratégia. Apesar de sua origem social, parecia mais popular que seu adversário. Sua presença junto ao povo foi também maior. A sua linguagem agressiva, desaforada, que a classe média repele, agrada ao "povão", que vê nela atributo de "cabra-macho". Marcus, pessoalmente, é responsável pelo estreitamento da margem de vitória da Aliança Democrática.

Como fator desfavorável a Marcus Odilon, certamente pesou a imagem negativa veiculada pela Aliança e que, inegavelmente, afetou o voto da classe média, por razões, sobretudo, de ordem moral.

---

57. Neste ensaio, entendemos por "oposição" os partidos que disputavam a eleição fora da coligação com o esquema governista.

A condição de usineiro, proveniente de uma das mais tradicionais famílias paraibana, a maior latifundiária da Várzea canavieira, foi apresentada como um verdadeiro estigma e, até certo ponto, funcionou como tal.

Não faltou competência ao governo para usar eficientemente seus fartos recursos. A falta de um maior retorno eleitoral nas classes populares tanto pode estar num crescente processo de conscientização do povo, como no fato da miséria crescer além das possibilidades assistenciais do governo.

Quanto aos partidos **menores**, o fato mais relevante foi o PL, um partido novo, de poucos recursos, com uma candidato estreante na política, ter ultrapassado a votação do PT, tanto na 1ª como na 64ª Zonas, sendo a diferença bem maior na 64ª Zona<sup>58</sup>. Isto significa que o PT paraibano:

1. não conseguiu crescer politicamente;
2. tem maior penetração entre as classes médias do que entre as populares, o que o aproxima da imagem vulgarizada de "partido de professores e estudantes".

## 7. As Perspectivas Políticas para 1986.

A principal questão política face às eleições de 1986 passou a ser: o acordo político que gerou a coligação chamada Aliança Democrática será mantido?

Até o início de 1986 haviam dois candidatos declarados ao governo do Estado Humberto Lucena (PMDB) e Tarcísio Burity (PTB).

---

58. O PL obteve 4.60% dos votos na 1ª Zona e 3.64% na 64ª. O PT obteve 4.41% na 1ª Zona e 2.52% na 64ª. Ver Tabela I.

As chances de Burity eram diretamente proporcionais à implosão do acordo PFL/PDS/PMDB. Entretanto, o PTB talvez tentasse uma espécie de frente trabalhista, agrupando o PTB, PDT (muito improvavelmente o PT) e outros pequenos partidos, para angariar recursos e apoio político, tanto de Jânio Quadros como de Brizola<sup>59</sup>. A esperança de PTB era de que Burity capitalizasse as rupturas que poderiam acontecer entre o PDS/PFL e o PMDB.

O PMDB sozinho dificilmente poderia vencer uma eleição para o governo estadual, pois o esquema braguista é amplamente majoritário no interior.

No PDS, o grupo liderado pelo vice-governador José Carlos da Silva, ele próprio candidato potencial ao governo do Estado, continua contrário à manutenção do acordo em 1986<sup>60</sup>.

As famílias Gadelha e Guadêncio permanecem arredias, porém, parecem estar mais interessadas numa negociação que lhes seja politicamente vantajosa do que no rompimento do acordo em si.

No caso de uma implosão da Aliança Democrática, uma aliança do PMDB com Burity não estaria absolutamente descartada. Também se estuda a possibilidade de um acordo entre o esquema político de Braga (PDS + PFL) e o PTB de Burity, o que provavelmente escantearia o PMDB.

---

59. A idéia foi defendida por Arroxelas e Washington, do PS, em debate na UFPb no dia 16 de dezembro de 1985.

60. Também no PMDB ha resistência: a 27 de novembro, na cidade de Solânea, 23 prefeitos do PMDB, liderados por Ronaldo Cunha Lima, elaboraram a chamada "Carta de Solânea", que defende uma ampla renovação no Diretório Regional e o fim dos cochavos e decisões de cúpula, que vêm caracterizando o comportamento do partido. Naturalmente o documento visa a coligação com os partidos ligados ao governo em 1986.

Burity é uma espécie de pivot político passível de uma variada gama de composições dentro do confuso quadro político estadual.

Lideranças tanto do PMDB como do PDS já afirmaram que só aceitarão o cordo caso os seus respectivos partidos formem a cabeça da chapa em 1986<sup>61</sup>.

As negociações continuam penosamente. Um sem número de alternativas políticas estão sendo estudadas para acomodar os interesses pessoais e municipais politicamente conflitantes na perspectiva de manutenção da Aliança Democrática.

---

61. O Norte, 30 nov. 1985.

T A B E L A I

RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA PREFEITO EM JOÃO PESSOA

COMPUTADAS 495 SECÇÕES

NA 1ª ZONA 243 E NA 64ª ZONA 252

..... R E S U L T A D O S ..... G E R A I S .....

CANDIDATO	1ª ZONA	64ª ZONA	TOTAL DE VOTOS	PERC
Wanderlei Caixa	2,681	1,738	4,419	3,41
Carlos Glaucio	2,796	2,546	5,342	4,12
Damião Galdino	607	645	1,252	0,97
Carneiro Arnaud	29,765	31,026	60,791	46,87
Marcus Odilon	21,433	29,954	50,387	39,34
Josélio P. Neto	197	159	356	0,27
Votos em Branco	516	992	1,398	1,09
Votos Nulos	2,789	2,979	5,768	4,45
<b>T O T A L</b>	<b>60.784</b>	<b>68.929</b>	<b>129.713</b>	

Vantagem para Carneiro em relação a Odilon - 10.404

Percentual de Abstenção - 19,75

Fonte: S/A O NORTE e T.R.E

T A B E L A I I

64ª ZONA ELEITORAL

ÁREAS PRÓ-CARNEIRO ARNAUD

DENOMINAÇÃO	VOTAÇÃO DE CARNEIRO	DE ARNAUD	VOTAÇÃO DE MARCUS ODILON	DIFERENÇA PRÓ-CARNEIRO ARNAUD
Centro e Veradoro	3.912		3.113	799
Jagari e	5.126		3.890	1.236
Cristo Redentor	1.246		1.181	65
José Américo	412		333	79
Valentina de Figueiredo	289		240	49
Ernesto Geisel e Grotão	968		837	131
Distrito Industrial <sup>1</sup>	1.412		1.361	51
Rangel	2.340		2.029	311
Esplanada II (Zona Rural)	46		31	15
Cidade dos Funcionários II	85		67	18
Cruz das Armas	7.758		7.165	593

Fonte: Boletins originais fornecidos pelo T R E.

1. O Distrito Industrial compreende os Conjuntos Costa e Silva e Ernesto Geisel. No Costa e Silva, Carneiro Arnaud obteve 491 votos e Marcus Odilon, 492. No Ernani Sátiro, Carneiro Arnaud obteve 921 votos e Marcus Odilon, 872.

T A B E L A I I I

64ª ZONA ELEITORAL  
ÁREAS PRÓ- MARCUS ODILON

DENOMINAÇÃO	VOTAÇÃO PRÓ- MARCUS ODILON	VOTAÇÃO PRÓ- CARNEIRO ARNAUD	DIFERENÇA PRÓ- MARCUS ODILON
Novais	3.364	2.752	612
Ilha do Bispo	1.427	1.257	170
Jardim Veneza e Conj. José Vieira Diniz	287	174	113
Cidade dos Funcioná- rios e Jardim Pla- nalto	1.473	1.363	110
Alto do Mateus	401	376	25
Gramame	406	402	04
Bairro das Indús- trias, Mumbaba e Adjacências	227	204	23

Fonte: Boletins originais fornecidos pelo T.R.E.

1. Rastro da Tragédia  
Mauro Guilherme Pinheiro Koury - agosto/83
2. Preço da Terra, Taxa de Juros e Acumulação Financeira no Brasil  
Claúdio Antonio Gonçalves Egler - setembro/83
3. Movimentos Sociais e Meios de Comunicação. Paraíba 1917-1921.  
Antonio Albino Canelas Rubim - outubro/83
4. A Contribuição à História dos Socialismos no Brasil: A Construção do Partido Socialista Brasileiro.  
Silvio Frank Alem - maio/84
5. O Solo Urbano e Desenvolvimento Capitalista.  
Tamara Tania Cohen Egler - outubro/84
6. Trabalho. O Capitalismo Adiantado e a Classe Operária Um Movimento Sindicalismo.  
Joana Neves - Fevereiro/85
7. Sobre Bananas e Bananeiros: Produção Mercantil e Relações de Trabalho.  
Jacob Carlos Lima - janeiro/85
8. Clientelismo e Máquina Estatal nas Eleições de 1982.  
Maria Antonia Alonso de Andrade - Fevereiro/85
9. A Igreja Popular na Imprensa Paulista.  
Joana Neves - Fevereiro/85
10. A Fome não tem Partido.  
Maria Nely Cavalcanti - setembro/85
11. UFPB: Implicações Políticas e Sociais de sua História.  
Maria das Dores Limeira  
Zeluiza da Silva Formiga - abril/86
12. Neo-Coronelismo e Perspectativas Eleitorais na Nova República.  
Maria Antonia Alonso de Andrade - outubro/86
13. Catolé do Rocha - Notas a Propósito de um Domínio Oligárquico.  
Neiliane Maia - Maio/86
14. Cajazeiras: O Domínio do Clientelismo Eleitoral.  
Francisco Sales Cartaxo Rolim - Julho/86

15. Reconstrução Histórica das Eleições na Paraíba (1945-1978)

Resultados e Tendências.

Rosa Maria Godoy Silveira - Novembro/86

16. Urbanização desloca o Centro do Poder Político.

Plauto Mesquita de Andrade - Setembro/87